

Mercado de Seguros no Brasil - Situação Atual e Perspectivas

Francisco Galiza
www.ratingdeseguros.com.br
Agosto/2005

Sumário:

I) Introdução

II) Cenário Econômico - Brasil

- II.1) PIB
- II.2) Taxas de Inflação
- II.3) Setor Externo
- II.4) Contas Internas
- II.5) Taxa de Desemprego

III) Cenário Econômico - Seguros

- III.1) Tamanho
- III.2) Rentabilidade das Seguradoras
- III.3) Recursos Humanos
- III.4) Corretores de Seguros
- III.5) Resseguro

IV) Análise Individual - Seguros

- IV.1) Ranking Seguradoras
- IV.2) Rentabilidade Seguradoras
- IV.3) Corretoras Principais

V) Estimativa Potencial - Seguros

- V.1) Introdução
- V.2) Seguros não Pessoas
- V.3) Seguros Pessoas
- V.4) Resultados Encontrados

VI) Conclusões

I) Introdução

O objetivo deste estudo é analisar os principais aspectos relativos ao mercado de seguros no Brasil. Neste sentido, este trabalho se dividiu em diversas etapas.

Inicialmente, uma análise das principais características da economia brasileira, a partir do estudo das suas variáveis mais relevantes, como o crescimento econômico, desemprego, inflação, etc.

Em seguida, uma análise propriamente dita do mercado de seguros, dividida em diversos tópicos, como tamanho, rentabilidade, recursos humanos, corretores e resseguros.

No capítulo IV, são avaliadas as companhias em termos individuais. Como os dados das seguradoras são mais completos, esta avaliação foi mais detalhada.

No capítulo V, foi desenvolvida metodologia para estimar o potencial de consumo médio de seguros de uma empresa qualquer, com diversos exemplos como ilustração.

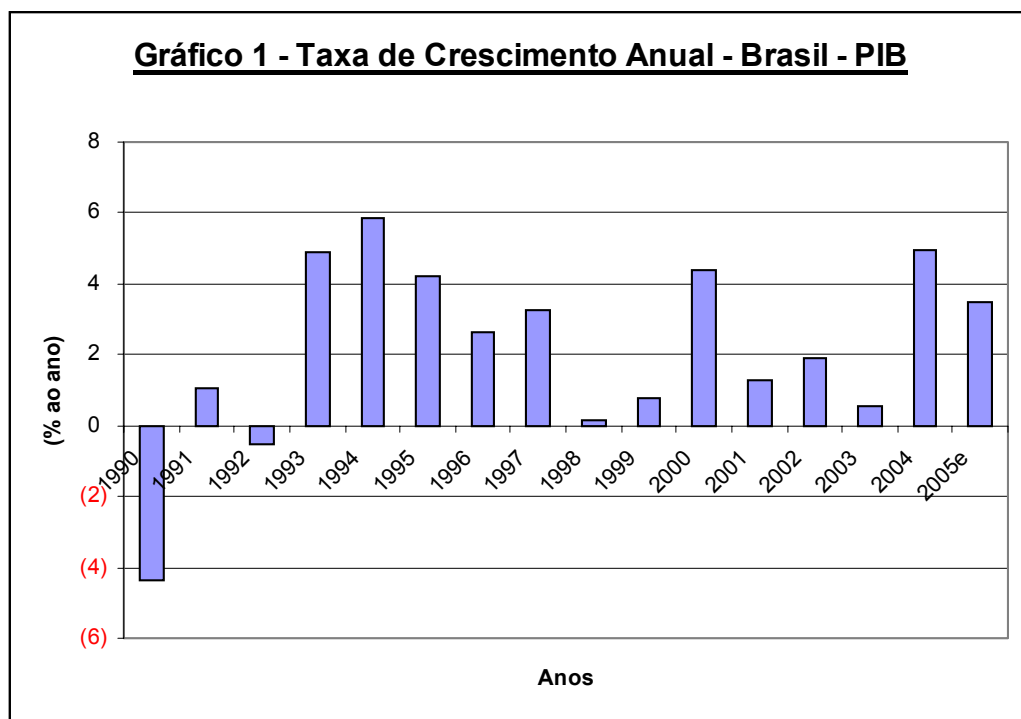
Ao final, as conclusões.

II) Cenário Econômico - País

Este cenário será desenvolvido de forma analítica, avaliando cada indicador relevante de forma individualizada.

II.1) PIB (Produto Interno Bruto)

O gráfico 1 apresenta as taxas de crescimento do PIB brasileiro nos últimos anos.



Em termos históricos, a situação pode ser representada em fases distintas.

- No final do Governo Collor (1992), o país vivia um momento crítico em termos políticos, havendo, ao final, o impedimento

do presidente. Este fato se espelhou no próprio comportamento econômico como um todo, com taxas de crescimento negativas.

- Com o Governo Itamar Franco (1993) e o Plano Real (1994), o Brasil pôde voltar a um grau de normalidade com a queda brutal das taxas inflacionárias e a retomada do crescimento econômico, com taxas médias de 3 a 4% ao ano, sobretudo no primeiro mandato do Governo Cardoso (1995-1998).
- O segundo mandato do Governo Cardoso (1999-2002) se defrontou com crises internacionais importantes, o que fez com que a trajetória de crescimento fosse interrompida, levando o país a momentos de instabilidade.
- Este fato, aliado ao natural desgaste político de 8 anos, fez com que, na eleição de 2002, ganhasse a oposição, na pessoa do Presidente Lula, um sindicalista de centro-esquerda. Praticando uma política de austeridade fiscal, taxas de juros elevadas e apoio a políticas sociais, o modelo proposto fez com que o país voltasse a ter taxas de crescimento mais favoráveis, ganhando credibilidade internacional. Além disso, tem-se que se considerar também que um cenário externo positivo também foi um fator fundamental a mais, dando suporte a esta estratégia.

- Em consequência, em 2004, o país cresceu a uma taxa de 5% ao ano e, neste ano, o PIB brasileiro representava US\$ 605 bilhões, a 14^a economia mundial. Para 2005, as previsões atuais indicam valores positivos de 3 a 4%.
- Nos últimos meses, a re-eleição do Governo Lula em 2006 (anteriormente considerada fácil) passou a correr riscos, devido a escândalos de corrupção, com consequências, até o momento, imprevisíveis.

II.2) Taxas de Inflação

A queda nas taxas inflacionárias, a partir de 1994, com o Plano Real, foi uma das grandes vitórias, em termos de política econômica, obtidas pelo país nos últimos anos. Este fato é uma tranquilidade a mais, em termos comparativos internacionais.

A tabela 1 apresenta uma comparação das situações.

Tabela 1 – Taxas Inflacionárias (% ao Ano)

Ano	Taxa de Inflação
1990	1.700%
1991	458%
1992	1.175%
1993	2.567%
1994	1.247%
1995	15%
1996	9%
1997	8%
1998	2%
1999	20%
2000	10%
2001	10%
2002	25%
2003	9%
2004	12%
2005 e	3%

Critério: Indicador IGPM. e: estimado

II.3) Setor Externo

Um outro aspecto positivo no país foi o maior equilíbrio nas suas contas externas, pelo desenvolvimento de uma política de estímulo às exportações, aliada a uma conjuntura internacional favorável. Este aspecto foi um dos pontos principais, resultando na apreciação recente do Real frente ao Dólar (R\$ 3,43 no início do Governo Lula, em janeiro de 2003; contra R\$ 2,40 em junho de 2005), assim como da queda do Risco-País (atualmente em torno de 400 pontos).

Na tabela 2, uma evolução do Saldo Comercial do Brasil com o exterior.

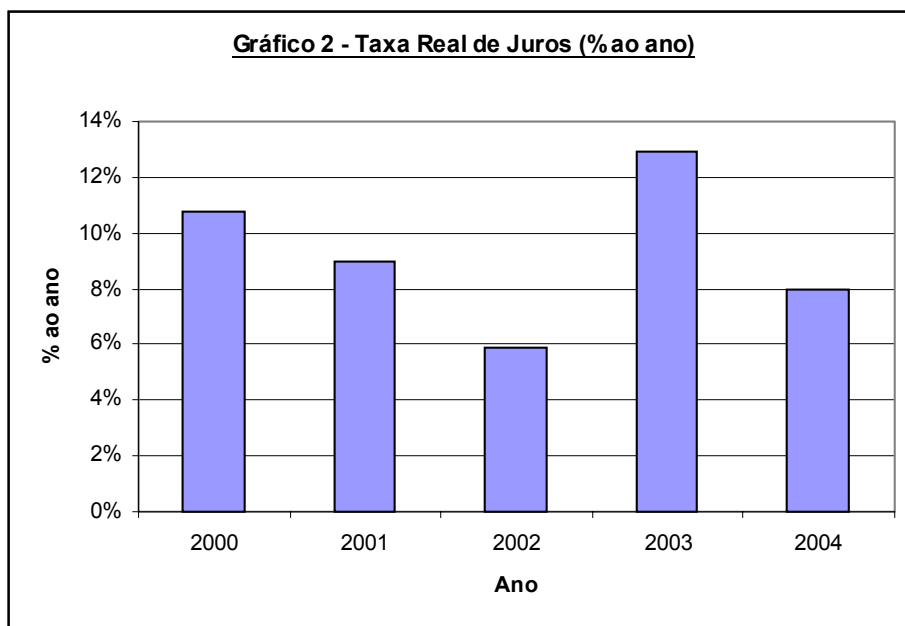
Tabela 2 – Saldo Balanço Comercial (US\$ bilhões)

Ano	Saldo Comercial
1990	10,8
1991	10,6
1992	15,2
1993	13,3
1994	10,5
1995	(3,5)
1996	(5,6)
1997	(6,8)
1998	(6,6)
1999	(1,2)
2000	(0,7)
2001	2,7
2002	13,1
2003	24,8
2004	33,7

II.4) Contas Internas

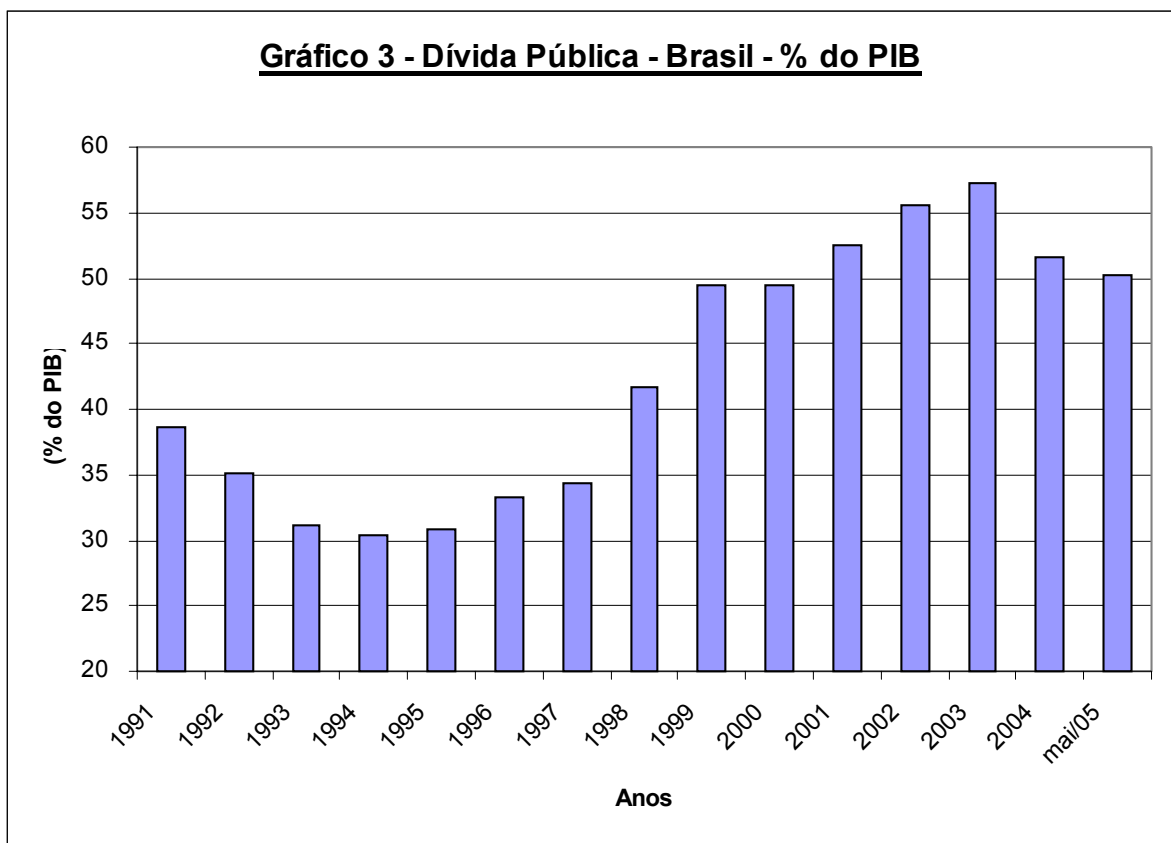
O equilíbrio das contas internas é um dos maiores desafios atuais de política pública no país. Uma dívida elevada força o aumento das taxas de juros o que acaba, num círculo vicioso, por aumentar esta própria dívida. Hoje, o Brasil pratica as maiores taxas de juros do mundo.

O gráfico 2 apresenta o comportamento das taxas de juros reais, em termos anuais, desde 2000. Os dados usados foram: taxas médias SELIC, deflacionados pelo IPCA (Indicador oficial utilizado no Programa de Metas de Inflação). Por exemplo, o valor de remuneração dos investimentos se situou em torno de 8% acima da taxa inflacionária.



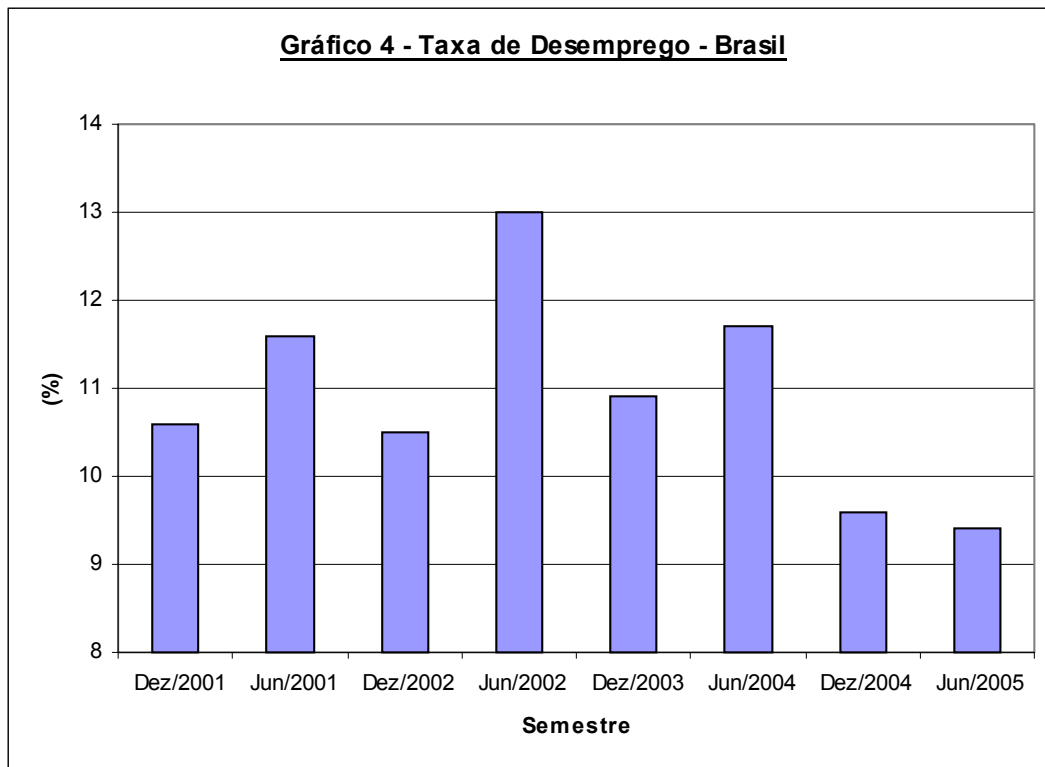
Para fugir desta situação, o Governo Lula tem promovido - com muito esforço e a custa do bloqueio de inúmeros programas sociais - elevados saldos nas contas internas. De um modo geral, e apesar do protesto de setores da economia, tem havido sucesso com esta iniciativa.

O gráfico 3 avalia esta proporção e, para 2005, a variável Dívida Pública/PIB deve voltar ao patamar abaixo de 50%.



II.5) Taxa de Desemprego

Um dos principais aspectos da plataforma política do Governo Lula foi o combate ao desemprego.



Embora, até agora, os resultados sejam decepcionantes para muitos segmentos, que esperavam um crescimento mais acentuado, pode-se dizer já existe algum progresso, como indica o gráfico 4.

No ano de 2004, a taxa já está menor que 10%, segundo estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

III) Cenário Econômico - Seguros

III.1) Tamanho

A tabela 3 apresenta informações mais detalhadas sobre o mercado de seguros brasileiro nos últimos 5 anos, comparado a diversos indicadores.

Tabela 3 – Tamanho do Setor

Receita (R\$ bi)	2000	2001	2002	2003	2004
Vida * (R\$ bi)	9,3	11,8	13,9	20,5	25,3
Não Vida (R\$ bi)	19,1	21,0	22,9	24,2	27,4
Capitalização (R\$ bi)	4,4	4,8	5,2	6,0	6,6
Total (R\$ bi)	32,8	37,6	42,0	50,7	59,3
Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004
PIB (R\$ bi)	1.101,3	1.198,7	1.346,0	1.556,2	1.766,6
Câmbio Médio (R\$)	1,83	2,35	2,92	3,08	2,93
IGPM (Médio) **	100	110	124	154	168
Participação no PIB	2000	2001	2002	2003	2004
Vida	0,84%	0,98%	1,03%	1,32%	1,43%
Não Vida	1,73%	1,75%	1,70%	1,56%	1,55%
Capitalização	0,40%	0,40%	0,39%	0,39%	0,37%
Total	2,98%	3,14%	3,12%	3,26%	3,36%
Receita (US\$ bi)	2000	2001	2002	2003	2004
Vida	5,1	5,0	4,8	6,7	8,6
Não Vida	10,4	8,9	7,8	7,9	9,4
Capitalização	2,4	2,0	1,8	1,9	2,3
Total	17,9	16,0	14,4	16,5	20,2
Receita (Indexada ao IGPM) ***	2000	2001	2002	2003	2004
Vida	100	115	120	143	162
Não Vida	100	100	96	82	85
Capitalização	100	99	95	89	89
Total	100	104	103	100	107

* Vida: Incluído Previdência + Pessoas; ** Indicador Padrão = 100 (Média/2000); *** Receita calculada em termos relativos, em função do valor real obtido em 2000.

Já a tabela 4 apresenta os prêmios per capita de alguns países da América Latina, no ano de 2004.

Tabela 4 – Prêmio per Capta - US\$ - 2004

Países	Vida	Não Vida	Total
Brasil	45,9	55,2	101,1
Argentina	34,5	70,6	115,1
México	50,2	67,6	117,8
Chile	164,5	88,6	253,1

Entre os tópicos principais, destacam-se:

- Em 2004, o faturamento de todo o setor de seguros (seguradoras, previdência privada aberta e capitalização) chegou a R\$ 59,3 bilhões, com uma participação de quase 3,4% do PIB. Este é o maior número da história do setor.
- De 2003 para 2004, houve crescimento de participação no PIB nos segmentos Vida (seguros de pessoas + previdência) e Não Vida. O faturamento de capitalização vem sofrendo leve queda. De qualquer maneira, na análise dos setores como um todo, a trajetória tem sido crescente nos últimos anos.
- Em função sobretudo da queda do dólar ocorrida no último ano, o segmento faturou mais de US\$ 20 bilhões em 2004. Este número é uma referência histórica no mercado, que nunca antes tinha atingido este patamar.
- Comparando a evolução do segmento, e descontadas as taxas médias de inflação, os comportamentos são diversos. Por

exemplo, desde 2000, a área de Vida cresceu 62%, enquanto que as de Não Vida e de Capitalização caíram, respectivamente, 15% e 11%. No total, houve uma variação positiva, no período 2000-2004, de 7%. Por coincidência, este foi o mesmo valor ocorrido no período 2003-2004. Mesmo com estas mudanças, o segmento de vida ainda tem um grande potencial de crescimento, quando comparado a outras economias com perfil similar.

- Com exceção do Chile (devido à reforma da previdência ocorrida na década de 80), outros países da América Latina têm duas características bem marcantes. Primeiro, prioridade para seguros de ramos elementares (ou seguros não Vida). No Brasil, esta situação melhorou, já que no passado era mais crítica. Segundo, um gasto de seguro per capita por ano de US\$ 100 a US\$ 115.

De um modo geral, pode-se considerar que, para o setor de seguros, 2004 foi um ano positivo. Para o futuro, uma trajetória mais favorável dependerá naturalmente do comportamento da economia e de novas reformas, visto que os valores médios já atingiram números médios de outros países com perfil similar.

III.2) Rentabilidade das Seguradoras

A análise neste tópico foi centrada somente nas empresas que operam com seguro e/ou previdência. A partir daí, os números são apresentados a seguir.

Na tabela 5, as contas contábeis agregadas de uma amostra elevada de empresas. Em seguida, na tabela 6, alguns indicadores, calculados a partir destas variáveis.

Tabela 5 – Valores Contábeis - Seguradoras Brasileiras –
Valores em R\$ bilhões

Total	2000	2001	2002	2003	2004
LL	1,56	1,91	2,53	3,65	4,14
PL	9,88	11,75	16,56	21,97	24,96
PG	19,06	21,12	23,30	26,49	28,92
SR	(13,01)	(14,12)	(15,61)	(18,13)	(19,38)
DC	(3,09)	(3,26)	(3,65)	(3,98)	(4,49)
DA	(3,64)	(3,96)	(4,83)	(5,39)	(6,04)
RF	2,01	2,03	3,58	5,36	4,57
Amostra	111	115	118	119	113

Critérios: LL: Lucro Líquido; PL: Patrimônio Líquido; PG: Prêmios Ganhos; SR: Sinistros Retidos; DC: Despesas de Comercialização; DA: Despesas Administrativas (com tributos); RF: Resultado Financeiro. Na amostra, consideram-se apenas as empresas com Receita > 0 ou PL > 0.

Tabela 6 – Indicadores Totalizados - Seguradoras Brasileiras

Total	2000	2001	2002	2003	2004
LL/PL	15,8%	16,3%	15,3%	16,6%	16,6%
SR/PG	-68,2%	-66,9%	-67,0%	-68,4%	-67,0%
DC/PG	-16,2%	-15,5%	-15,7%	-15,0%	-15,5%
DA/PG	-19,1%	-18,7%	-20,7%	-20,3%	-20,9%
RF/PG	10,5%	9,6%	15,4%	20,2%	15,8%
CO	-103,6%	-101,1%	-103,4%	-103,8%	-103,4%
COA	-93,7%	-92,2%	-89,6%	-86,3%	-89,3%

Critérios: CO = (SR+DC+DA)/PG; COA = (SR+DC+DA)/(PG+RF)

Agora, na tabela 7, as medianas de indicadores selecionados desta mesma amostra. E, por fim, na tabela 8, a distribuição proporcional das taxas de rentabilidade das companhias.

Tabela 7 – Mediana dos Indicadores - Seguradoras Brasileiras

Mediana	2000	2001	2002	2003	2004
LL/PL	3,6%	4,1%	6,3%	9,0%	7,9%
CO	-111,6%	-104,6%	-106,1%	-106,7%	-101,6%
COA	-97,1%	-94,1%	-92,8%	-92,2%	-91,3%

Tabela 8 – Taxas de Rentabilidade – Seguradoras Brasileiras

Faixas	2000	2001	2002	2003	2004
LL/PL < 0%	32%	30%	29%	23%	26%
0% < LL/PL < 15%	47%	47%	36%	43%	41%
LL/PL > 15%	21%	23%	35%	34%	34%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Na análise dos números, alguns comentários podem ser feitos:

- Em termos de rentabilidade totalizada, as taxas vêm mantendo o mesmo padrão histórico do setor (LL/PL em torno de 16%).
- Em 2004, a queda nas taxas de juros fez com que o perfil de rentabilidade voltasse ao mesmo padrão de 2002. Ao final, este fato levou a uma leve queda nos resultados individuais das companhias - medidos tanto em termos do percentual de empresas com prejuízo (26% em 2004, contra 23% em 2003), como na queda das medianas das taxas (LL/PL = 9% em 2003, para 7,9% em 2004).

- Por outro lado, quando comparamos ao início da década, dois aspectos precisam ser destacados. Primeiro, o percentual de empresas com prejuízo diminuiu. Segundo, a distância entre a média e a mediana das taxas vem também caindo, o que, indicaria, teoricamente, um menor nível de concentração dos resultados.
- Ou seja, apesar da pequena piora registrada em 2004, o otimismo, quanto aos resultados históricos das companhias, pode ser mantido.

III.3) Recursos Humanos

Periodicamente, o segmento das seguradoras informa ao mercado, estatísticas da sua área de recursos humanos. A tabela 9 sinaliza alguns indicadores.

Tabela 9 – Escolaridade e Gastos com Recursos Humanos (US\$/Mês) - Seguradoras

Escolaridade	%		Descrição	Renda
Outros	6%		Salários	1.553
2o. Grau	57%		Encargos	436
Superior	31%		Benefícios	240
Pós	6%		Total	2.228
Total	100%			

Método: Valores de 2003; Conversão: US\$ de Junho/2005

Os seguintes pontos podem ser destacados:

- Atualmente, existem aproximadamente 40.000 funcionários empregados de forma direta neste setor.
- Deste total, 57% têm o 2º grau completo, e 31% o grau superior completo.
- Os gastos salariais, encargos e benefícios médios totalizaram US\$ 2.228/mês. Por análise junto a agentes dos setores, os seguintes valores mensais foram obtidos: Diretores (US\$ 5 mil a US\$ 7 mil), Gerentes (US\$ 2 a 3 mil), Funcionários (US\$ 300 a US\$ 500). Nos casos dos Diretores e Gerentes, existe a possibilidade do oferecimento de bônus adicionais.

III.4) Corretoras de Seguros

O mercado das corretoras de seguros no Brasil faturou, em 2004, o montante de R\$ 4,5 bilhões (aproximadamente US\$ 1,5 bilhão, pelo câmbio daquele ano).

Segundo dados oficiais das entidades representativas deste profissional, existem, atualmente, 25.000 empresas corretoras de seguros, podendo estas, em termos didáticos, serem qualificadas em 4 tipos distintos, conforme a tabela 10.

Tabela 10 – Tipos de Corretores – Mercado de Corretores de Seguros

Distribuição	Características
Independentes	As companhias são micro empresas e não têm ligações com outros tipos de grupos. Em estudos empíricos, calcula-se que 70 a 80% dos custos de intermediação derivam deste tipo de empresa.
Cativas	A companhia pertence a um grupo industrial ou comercial de grande porte. Exemplo: Rodobens.
Bancos	A companhia tem estreita conexão com um grupo financeiro Exemplos: BBcor (Banco do Brasil), Citibank Corretora (Citibank).
Internacional	Uma empresa internacional de corretagem. Exemplos: Aon, Marsh

Ao contrário das seguradoras (que são companhias obrigadas a divulgar informações publicamente), os dados das corretoras são incompletos. De qualquer maneira, algumas publicações especializadas

usualmente divulgam dados destas companhias, sobretudo as do tipo cativas, bancos e as maiores independentes.

Por exemplo, na publicação da Gazeta Mercantil (o principal jornal de finanças do mercado brasileiro), existe o levantamento de 34 companhias (dados de 2003, representando aproximadamente 18% da receita deste segmento neste período). A maioria corresponde aos dados das maiores corretoras bancárias e independentes.

Alguns dados desta amostra estão na tabela 11.

Tabela 11 – Amostra das Corretoras - R\$ milhões - 2003

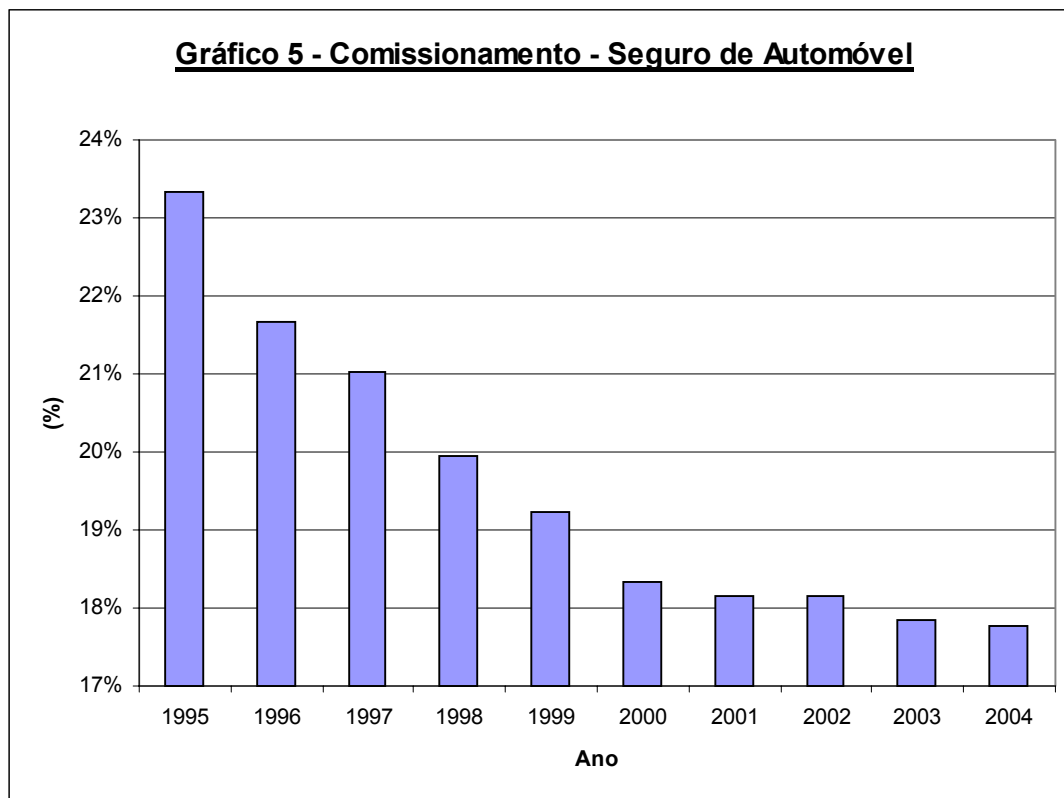
Indicadores	Dados
Lucro Líquido (LL)	449,0
Patrimônio Líquido (PL)	1.071,2
Receita Líquida (RL)	720,9
LL/PL	42%
LL/RL	62%

Fonte: Jornal Gazeta Mercantil

Os números mostram as grandes margens de rentabilidade da amostra, bem acima da média das seguradoras.

Estes números favoráveis foram sobretudo resultantes do aumento de volume das operações e menos da taxa de comissionamento por unidade de negócio em si. Um outro fator relevante foi o comportamento de cada ramo, variante de ramo para ramo.

Por exemplo, temos, nos gráficos 5, 6 e 7, a evolução das taxas de comissionamento anuais médias dos ramos Automóvel, Pessoas e Transportes, desde 1995.



Nos casos dos Seguros de Automóvel e de Pessoas (sem VGBL), no período de 10 anos, estas taxas passaram, no primeiro caso, de um patamar de 23% para abaixo de 18%; no segundo, de 31% para 23%.

Já o ramo de transportes, a situação foi muito mais estável, em torno de 20% em todo o período.

Gráfico 6 - Comissionamento de Pessoas

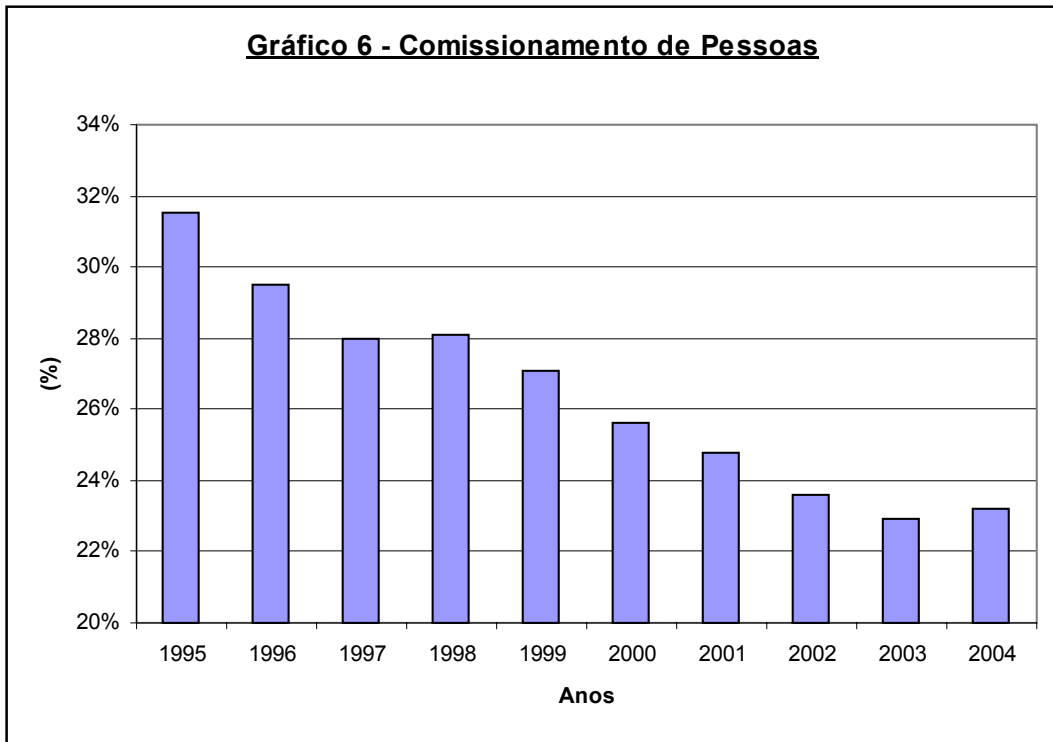
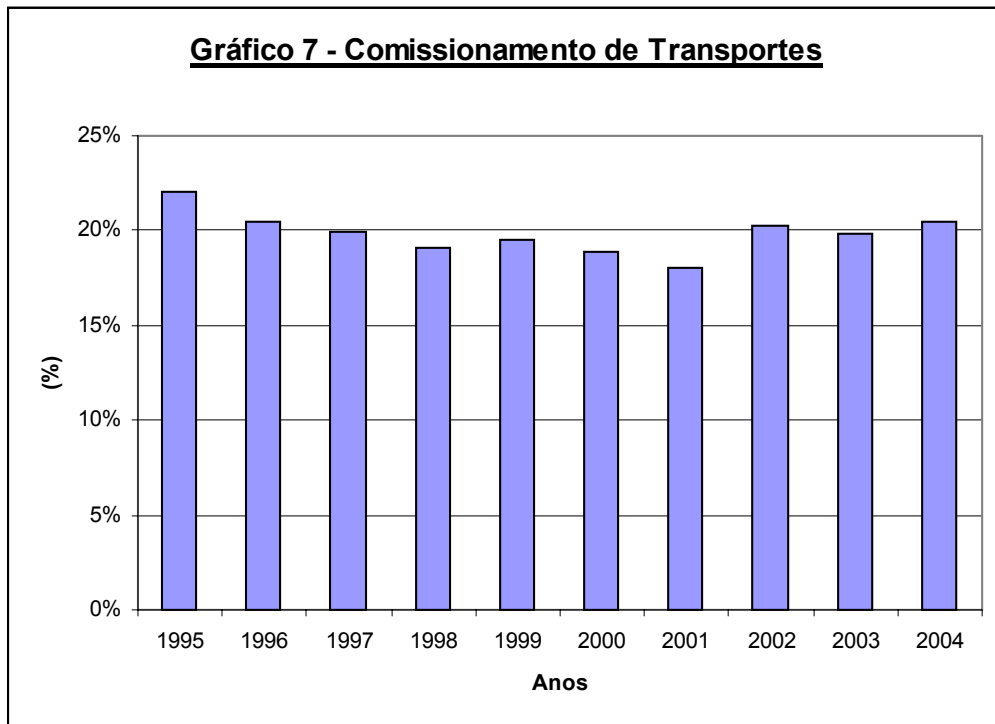


Gráfico 7 - Comissionamento de Transportes



III.5) Resseguro

No Brasil, as operações de resseguro são centralizadas pela empresa IRB-Brasil-Re.

Nas tabelas 12 e 13, alguns dados e indicadores desta companhia.

Tabela 12 – Dados do IRB - R\$ milhões

Contas	2000	2001	2002	2003	2004
Prêmios Emitidos (PE)	1.189	1.675	2.454	2.877	2.853
Prêmios Ganhos (PG)	631	749	1.009	1.248	1.394
Lucro Líquido (LL)	45	170	337	328	433
Patrimônio Líquido (PL)	801	912	1.095	1.210	1.379

Tabela 13 – Indicadores do IRB - R\$ milhões

Contas	2000	2001	2002	2003	2004
LL/PL	5,6%	18,6%	30,8%	27,1%	31,4%
% PG em relação às seguradoras	3,3%	3,5%	4,3%	4,7%	4,8%
PE (em US\$ milhões)	650	713	840	934	974

Na análise dos números, os seguintes pontos podem ser destacados:

- Nos últimos anos, a trajetória da receita tem sido crescente.

Por exemplo, em 2000, os Prêmios Emitidos eram de US\$ 650 milhões; em 2004, este número passou para US\$ 974 milhões, o que situa o IRB entre as 100 maiores resseguradoras mundiais.

- Em termos de participação ao faturamento das seguradoras, este número foi também crescente. Em Prêmios Ganhos, o faturamento da resseguradora passou de 3,3% para 4,8%.
- Um outro aspecto positivo se refere às suas margens de rentabilidade, em níveis elevados e bem acima da média do segmento das seguradoras.

Na tabela 14, outros aspectos do mercado de resseguro no Brasil também devem ser ressaltados.

Tabela 14 – Outros Aspectos - Resseguro Brasileiro

Aspectos
O Brasil é o único país do mundo onde o mercado de seguros é aberto às empresas estrangeiras, enquanto o resseguro ainda pertence a uma empresa monopolista estatal. Segundo projeto político em vigor, esta situação deve mudar no espaço de poucos anos.
O montante ressegurado é, de aproximadamente, U\$ 1 bilhão. Deste total, de 40 a 50% é repassado de volta ao mercado.
As taxas de resseguro ainda são relativamente baixas, quando comparadas a outros países da América Latina. Em torno de 10% (desconsiderando saúde e previdência), contra uma média de 20 a 25%.
O faturamento do IRB em Prêmios Retidos tem o seguinte perfil: Propriedade (51%), Transporte (24%), Riscos Financeiros (12%)

IV) Análise Individual - Seguros

IV.1) Ranking Seguradoras

A análise das principais seguradoras do mercado pode ser agrupada segundo o ramo que elas operam, metodologia usada neste texto. A seguir, as divisões Total Seguros, Automóvel, Pessoas, Saúde e Previdência, nas tabelas 15 a 19.

Tabela 15 – Receita Total Seguros - R\$ mil - 2004

	Grupos	Valores	Part. %
1	Bradesco	11.870.084	26,33%
2	Sul América	6.064.357	13,45%
3	Itaú	4.809.189	10,67%
4	AIG-Unibanco	2.754.320	6,11%
5	Porto Seguro	2.730.011	6,06%
6	Aliança do Brasil/Brasilprev	1.702.044	3,78%
7	Caixa Seguros	1.678.438	3,72%
8	Real	1.666.545	3,70%
9	Mapfre	1.312.717	2,91%
10	HSBC	1.026.009	2,28%
11	AGF	1.020.011	2,26%
12	Santander	922.056	2,05%
13	Marítima	778.453	1,73%
14	Liberty Paulista	624.358	1,38%
15	Cosp	518.332	1,15%
16	ACE	390.497	0,87%
17	Minas-Brasil	340.624	0,76%
18	Icatu-Hartford	309.579	0,69%
19	HDI	304.883	0,68%
20	Yasuda	295.925	0,66%
	DEMAIS	3.965.525	8,88%
	TOTAL	45.083.957	100,00%

Tabela 16 – Receita Total Auto - R\$ mil - 2004

	Grupos	Valores	Part. %
1	Bradesco	2.019.739	16,66%
2	Porto Seguro	1.846.721	15,24%
3	Sul América	1.753.777	14,47%
4	Itaú	1.025.671	8,46%
5	Real	675.764	5,58%
6	Mapfre	624.908	5,16%
7	AIG-Unibanco	610.158	5,03%
8	Liberty Paulista	513.949	4,24%
9	Marítima	384.058	3,17%
10	AGF	359.262	2,96%
11	HSBC	277.541	2,29%
12	HDI	236.550	1,95%
13	Minas-Brasil	179.028	1,48%
14	Tokio Marine	153.947	1,27%
15	Yasuda	150.171	1,24%
16	Alfa	147.322	1,22%
17	Confiança	103.482	0,85%
18	Mitsui Sumitomo	95.623	0,79%
19	Caixa Seguros	91.454	0,75%
20	Chubb	87.569	0,72%
	DEMAIS	783.733	6,47%
	TOTAL	12.120.427	100,00%

Tabela 17 – Receita Total Pessoas - R\$ mil - 2004

	Grupos	Valores	Part. %
1	Bradesco	5.967.266	33,78%
2	Itaú	2.922.239	16,54%
3	Aliança do Brasil/Brasilprev	1.313.345	7,44%
4	AIG-Unibanco	964.049	5,46%
5	Santander	883.874	5,00%
6	Caixa Seguros	847.603	4,80%
7	Real	810.724	4,59%
8	HSBC	632.928	3,58%
9	Cospes	392.778	2,22%
10	Mapfre	365.438	2,07%
11	Sul América	326.912	1,85%
12	Icatu-Hartford	286.332	1,62%
13	Met Life	200.100	1,13%
14	Porto Seguro	161.347	0,91%
15	Minas-Brasil	132.123	0,75%
16	Citibank	119.349	0,68%
17	Nationwide	114.447	0,65%
18	Ace	113.673	0,64%
19	Generali	84.306	0,48%
20	Safra	79.400	0,45%
	DEMAIS	945.522	5,35%
	TOTAL	17.663.755	100,00%

Tabela 18 – Receita Total Saúde - R\$ mil - 2004

	Grupos	Valores	Part. %
1	Sul América	3.242.727	42,62%
2	Bradesco	3.099.183	40,73%
3	Porto Seguro	450.382	5,92%
4	Marítima	226.794	2,98%
5	AGF	181.660	2,39%
6	AIG-Unibanco	130.689	1,72%
7	Unimed	101.253	1,33%
8	Notredame	95.302	1,25%
9	Itaú	81.523	1,07%
10	Salutar	2.029	0,03%
11	HSBC	(3.334)	-0,04%
	TOTAL		100,00%

Tabela 19 – Receita Total Previdência - R\$ mil - 2004

	Grupos	Valores	Part. %
1	Bradesco	2.144.444	27,93%
2	Brasilprev	1.354.574	17,65%
3	AIG-Unibanco	1.047.660	13,65%
4	Itaú	931.681	12,14%
5	Santander	457.426	5,96%
6	HSBC	376.205	4,90%
7	Caixa Seguros	361.496	4,71%
8	Icatu-Hartford	291.277	3,79%
9	Real	209.208	2,73%
10	Porto Seguro	96.445	1,26%
11	Sul América	61.383	0,80%
12	Mongeral	56.441	0,74%
13	Nationwide	55.440	0,72%
14	Generali	42.558	0,55%
15	Mapfre	41.191	0,54%
16	Unimed	29.557	0,39%
17	Safra	25.107	0,33%
18	Citibank	23.838	0,31%
19	Investprev	22.851	0,30%
20	Alfa	17.909	0,23%
	DEMAIS	30.113	0,39%
	TOTAL	7.676.804	100,00%

Na análise dos "rankings" de 2004, os seguintes comentários podem ser feitos:

- Em Seguros, na Receita Total, o destaque coube ao comportamento da Bradesco (com 26% do faturamento), vindo, a seguir, a Sul América, a Itaú e a AIG-Unibanco. Nestes últimos anos, o crescimento de produtos de seguro de vida, com forte componente de investimento financeiro (sobretudo o conhecido como VGBL), fez com que seguradoras ligadas a bancos tivessem aumento de participação no setor.
- No ramo Automóvel, a Bradesco ficou na liderança com quase 17% de todo o setor. Em seguida, a Porto Seguro e a Sul América, praticamente empatados. Este é o ramo em que as seguradoras independentes têm maior presença.
- No ramo Saúde, a Sul América ficou na liderança, vindo a Bradesco logo a seguir (com pequena diferença). Este ramo é um dos segmentos que tem despertado menos interesse entre as companhias seguradoras, visto que a incerteza despertada pela atuação governamental tem sido elevada, com prejuízos constantes no segmento.
- No ramo Pessoas, a influência do VGBL é alta e, neste sentido, os grupos com rede de distribuição bancária são os que têm maior presença (as 8 primeiras colocadas).

- Em Previdência Privada Aberta, tal como no segmento de pessoas, a Bradesco foi a líder, com 28% do total. De uma modo geral, as seguradoras ligadas a bancos tiveram ganhos de mercado.

IV.2) Rentabilidade Seguradoras

Em termos didáticos, as empresas podem ser separadas em três tipos distintos. Primeiro, aquelas ligadas a algum banco e que, principalmente, utilizam esta instituição como seu principal canal de distribuição. Em um segundo grupo, as empresas ligadas a um grupo estrangeiro, utilizando assim, muitas vezes, a estratégia vindo da própria matriz. Por último, as seguradoras nacionais, que têm como "ativo principal" o uso da sua experiência nos negócios ao longo dos anos.

Neste sentido, as tabelas 20 a 22 apresentam as taxas de rentabilidade (Lucro Líquido/Patrimônio Líquido) de uma amostra destas empresas e, na tabela 23, um resumo dos dados.

Tabela 20 – Rentabilidade - Seguradoras Bancárias - LL/PL

SEGURADORA	2000	2001	2002	2003	2004
Bradesco	37,7%	29,5%	26,8%	17,2%	28,3%
Itaú	22,8%	14,2%	11,6%	20,1%	17,1%
Banco do Brasil	16,4%	14,1%	24,4%	36,8%	45,0%
AIG-Unibanco	16,5%	13,0%	19,5%	17,5%	9,2%
Caixa Seguros	31,5%	14,8%	24,6%	33,9%	29,6%
Banestes	13,2%	11,9%	12,8%	19,0%	15,1%
HSBC	38,8%	46,0%	23,7%	21,5%	31,9%
Real	35,4%	27,6%	20,6%	21,2%	24,8%
Safra	20,4%	38,2%	30,7%	35,8%	13,5%
Mediana	22,8%	14,8%	23,7%	21,2%	24,8%

Tabela 21 – Rentabilidade - Seguradoras Estrangeiras - LL/PL

SEGURADORA	2000	2001	2002	2003	2004
AGF	6,0%	5,3%	7,6%	7,7%	16,6%
ACE	22,8%	21,6%	31,5%	25,0%	22,2%
Mapfre	1,1%	1,2%	1,8%	8,1%	8,5%
Chubb Seguros	2,3%	2,3%	30,9%	-18,6%	0,4%
Cardif	-106,3%	-96,1%	-185,4%	-35,6%	-15,8%
American Life	-38,5%	-38,6%	-37,2%	2,4%	-6,5%
Generali	13,0%	11,9%	15,4%	16,5%	10,4%
HDI Seguros	6,4%	3,7%	6,1%	7,0%	9,1%
Kyoei do Brasil	0,9%	0,9%	1,9%	2,4%	-0,7%
Liberty Paulista	-0,9%	-0,8%	-54,4%	-92,4%	-24,1%
Met Life	-73,6%	-17,8%	-31,5%	-66,2%	-40,9%
Mitsui Sumitomo	14,2%	13,4%	12,6%	-7,2%	-8,4%
Tokio Marine Brasil	12,6%	11,9%	17,0%	12,7%	7,2%
Prudential do Brasil	-4,9%	-5,1%	-12,2%	-25,2%	-17,5%
QBE Brasil Seguros	-20,0%	-25,0%	-21,2%	3,8%	4,0%
Royal e Sun Alliance	-12,7%	-23,1%	12,9%	13,4%	16,3%
Yasuda Seguros	11,2%	10,7%	9,0%	15,7%	19,8%
Zurich Brasil Seguros	-18,4%	-10,8%	4,3%	15,4%	11,4%
Mediana	1,0%	1,1%	5,2%	5,4%	5,6%

Tabela 22 – Rentabilidade - Seguradoras Independentes - LL/PL

SEGURADORA	2000	2001	2002	2003	2004
Sul América	11,0%	9,4%	-2,8%	10,4%	-9,7%
Porto Seguro	17,9%	14,3%	14,7%	18,0%	16,8%
APS Sulina	1,6%	1,6%	-2,5%	11,2%	6,3%
Alfa	2,0%	2,1%	-6,1%	0,2%	1,9%
Áurea Seguros	-21,1%	-25,4%	0,2%	4,3%	17,7%
Excelsior	-17,0%	-13,8%	-230,3%	49,8%	3,1%
Minas-Brasil	6,5%	6,5%	2,4%	-6,8%	2,2%
Federal	1,0%	1,0%	2,3%	1,9%	1,3%
J. Malucelli	34,4%	25,8%	29,1%	37,5%	25,0%
Cosesp	42,8%	31,6%	24,4%	22,1%	8,9%
Marítima	35,7%	24,9%	19,2%	21,4%	6,7%
Sabemi Seguradora	1,5%	1,5%	5,5%	4,4%	12,1%
Seguradora Roma	13,1%	11,6%	7,4%	5,6%	7,5%
Mediana	6,5%	6,5%	2,4%	10,4%	6,7%

Tabela 23 – Rentabilidade - Mediana - Comparativo - LL/PL

SEGURADORA	2000	2001	2002	2003	2004
Bancárias	22,8%	14,8%	23,7%	21,2%	24,8%
Estrangeiras	1,0%	1,1%	5,2%	5,4%	5,6%
Independentes	6,5%	6,5%	2,4%	10,4%	6,7%

Em relação aos números, os seguintes pontos podem ser destacados:

- Indiscutivelmente, as seguradoras ligadas a bancos têm obtido melhores taxas de rentabilidade. Utilização da estrutura das agências na distribuição, produtos de seguros com fortes características financeiras e efeitos de escala são, pelo menos, os principais motivos relevantes neste fato.
- Entre as seguradoras independentes e estrangeiras existe um equilíbrio muito maior, embora se possa dizer que as primeiras levem uma pequena vantagem. Pelo menos, no caso desta amostra e nos últimos 5 anos, 4 anos foram mais favoráveis para as seguradoras independentes. Este ponto reforça o conceito de que a implantação, pura e simplesmente, de modelos externos, sem levar em conta as particularidades internas brasileiras, pode trazer problemas, sobretudo no médio e curto prazo.

IV.3) Corretoras Principais

As informações sobre as corretoras de seguros brasileiras são mais restritas. Ou seja, a falta da obrigatoriedade oficial na divulgação públicas dos dados faz com que os números sejam obtidos de forma parcial.

Inicialmente, em termos de corretoras internacionais, existem vários exemplos de sucesso, conforme mencionado na tabela 24, com algumas características gerais destas companhias.

Tabela 24 – Amostra - Corretoras Internacionais

Empresas	Características
Aon	<ul style="list-style-type: none">• 416 funcionários, com faturamento de R\$ 66 milhões (dados de 2003)
Marsh	<ul style="list-style-type: none">• Operando no Brasil desde 1954.• 1.000 funcionários• 9 escritórios, nas principais cidades do país
Willis	<ul style="list-style-type: none">• Escritórios nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo
Harmonia	<ul style="list-style-type: none">• Inicialmente, em 1981, surgiu como uma corretora cativa do Grupo Alcoa e, depois (1988), de forma ampliada.• Em 2000, passou a representar o Brasil na Worldwide Broker Network (WBN).
Lazam	<ul style="list-style-type: none">• Representante no Brasil de corretores alemães (divisão Weichert) e portugueses• Opera desde 1976, com faturamento anual de US\$ 30 milhões
JLT	<ul style="list-style-type: none">• Opera no Brasil desde 1989, com escritórios em São Paulo e no Rio de Janeiro.• 90 funcionários• Tem um segmento específico que opera em resseguro, com 15 funcionários

Já na tabela 25, os dados individuais de algumas corretoras, sobretudo aquelas ligadas ao setor bancário, onde a quantidade de informações contábeis é maior.

Tabela 25 – Corretoras de Seguros Bancárias - Dados 2003
R\$ milhões

Corretora	Receita Líquida	Lucro Líquido	Patrimônio Líquido	LL/PL
Banco do Brasil	254,4	40,7	35,0	116%
Banespa	178,9	231,6	93,4	248%
Itaú	86,4	72,9	495,3	15%
Citibank	38,3	14,7	43,0	34%
Caixa Econômica	24,0	0,2	2,8	7%
HSBC	3,7	2,5	8,6	29%
Real	3,2	2,6	6,3	41%
Mediana	-	-	-	34%

Os números desta amostra específica mostram que, de um modo geral, as margens de rentabilidade deste tipo de companhia são excelentes.

Este fato é similar ao ocorrido com as empresas seguradoras com a mesma origem de capital.

V) Estimativa Potencial - Empresas

V.1) Introdução

Inicialmente, é importante ressaltar que a determinação do volume ideal de consumo de seguros em uma empresa é algo complexo, por diversos motivos: há vários tipos de seguros, há diferentes níveis de aversão ao risco, há perfis econômicos e financeiros distintos, etc. Ou seja, caso se queira mensurar um número exato, seriam necessários estudos estratégicos mais aprofundados, com entrevistas, etc.

Neste sentido, o objetivo deste capítulo foi apenas desenvolver uma metodologia para, a partir do perfil de cada empresa e dos valores médios de mercado, avaliar o seu possível consumo em diversos tipos de seguros. Ou seja, não está se determinando o quanto a empresa deve gastar em seguros, mas o quanto, na média, ele deveria gastar, em função do seu perfil. Ressalte-se que este critério simplificado foi adotado pelo motivo de, muitas vezes, não aparecer perfeitamente discriminado, nas Demonstrações Financeiras das companhias, o gasto com seguro.

Ao final, esta estimativa foi desenvolvida para algumas companhias, separadas segundo tipos de negócios selecionados, avaliando assim o potencial neste tipo de empreendimento.

V.2) Seguros não Pessoas

Em termos simplificados, os seguros não Pessoas foram separados em dois tipos. Primeiro, os seguros de Automóvel, um produto essencialmente comprado por Pessoa Física. Os outros produtos foram considerados como sendo de Pessoa Jurídica.

- Automóvel

Segundo estatísticas da SUSEP, havia, em 2004, 3,535 milhões de veículos segurados no Estado de São Paulo (o principal da União, com mais de 50% do faturamento do setor de seguros). Neste período, o gasto total com seguro de veículos neste Estado de São Paulo foi de R\$ 5,239 bilhões. Logo estima-se o gasto médio em seguro de veículos como sendo de R\$ 1.482/ano (valores de 2004).

- Saúde

Segundo cálculos da ANS, há 4,747 milhões de beneficiários de um seguro-saúde. Este número representa 11,7% do total de beneficiados de algum plano (seguro, medicina de grupo, cooperativa, etc). Agora, considerando que, em 2004, o faturamento total do ramo de seguro saúde foi de R\$ 7,608 bilhões, o gasto por beneficiário é de, aproximadamente, R\$ 1.603/ano (valores de 2004).

- Outros Seguros

Em 2003, a receita dos outros produtos da não Vida foram de R\$ 7,105 bilhões. Por outro lado, o jornal Gazeta Mercantil publica periodicamente levantamento das 10.000 maiores empresas do Brasil (em nossas hipóteses, são essas que farão o seguro).

Deste grupo, o conceito é que a maior parte dos seguros de patrimônio será feita por empresas com 3 tipos de perfis: Indústria, Serviços e Comércio. Por exemplo, deste grupo, foram extraídos as empresas financeiras (bancos, etc), cujos ativos principais são depósitos e aplicações, e as empresas de agribusiness, cujos ativos principais são terras.

Com dados de 2003, a situação resumo é mostrada na tabela 26.

Tabela 26 – Resultado das 10.000 maiores empresas brasileiras - Dados 2003 - Ativo - R\$ bilhões

Tipo	Quantidade de Empresas	Ativo
Indústria	2.203	558,6
Serviços	3701	720,9
Comércio	1013	54,5
Total	6.917	1.334,0

A hipótese de distribuição dos prêmios de seguros neste item é que eles serão proporcionais ao Ativo Contábil de cada companhia (que seria indicativo do seu "patrimônio segurável"). Assim, para cada R\$ 187 de Ativo, isto representará R\$ 1 de Prêmio de Seguro (1.334,0/7,105) (valores de 2003).

V.3) Seguros Pessoas

Neste cálculo, a hipótese usada é que o gasto em seguros de pessoas é similar ao realizado pelas próprias empresas de seguros, conforme dados da tabela 27.

Estas informações foram extraídas do Balanço Social divulgado por este setor.

Tabela 27 – Gastos para Funcionários - Empresas de Seguros
- 2003

Tipo	Valor (R\$ mi)	Valor (R\$/Funcionário)
Seguro de Vida	30,2	755
Previdência	103,6	2.592
Funcionários (Quantidade)	39.971	-

Ou seja, em média, os gastos anuais das foram de R\$ 755 para seguro de vida e R\$ 2.592. Este valor serão considerados como padrão na estimativa.

V.4) Resultados Encontrados

Em resumo, neste cálculo, as hipóteses dos gastos das companhias podem ser resumidas segundo a tabela 28.

Tabela 28 – Gastos Estimados das Empresas em Seguros

Seguro	Hipóteses
Saúde	R\$ 1.602/ano (por pessoa) *
Outros Seguros não Vida	R\$ (1/187) por Ativo Contábil
Vida	R\$ 755/ano (por funcionário)
Previdência	R\$ 2.592/ano (por funcionário)

* No cálculo, consideraremos que, em média, cada funcionário seja responsável por mais uma pessoa. Ou seja, os gastos de saúde serão multiplicados por 2.

Com estes dados, foram estimados os gastos com seguros das três principais companhias (pelo critério de Receita Líquida), segundo alguns setores selecionados na tabela 29.

Os dados são de 2003 e os números estão na tabela 30.

Tabela 29 – Setores Analisados

Setores Analisados
Mineração
Metalurgia
Papel e Celulose
Petroquímica
Energia Elétrica
Telecomunicações
Construção
Aviação

Possivelmente incorretos em alguns casos específicos, esta metodologia tem o mérito de permitir "dar uma ordem de grandeza" nas análises estratégicas futuras.

Tabela 30 – Gastos Estimados em Seguros - R\$ milhões/ano

	Dados		Gastos em Seguros				
	Ativo	Func.	Saúde	Vida	Previd.	Outros	Total
Mineração							
Vale do Rio Doce	30.301	29.349	94	22	76	162	354
MBR	1.813	2.621	8	2	7	10	27
Samarco	1.894	1.250	4	1	3	10	18
Metalurgia							
CSN	24.478	9.343	30	7	24	131	192
Usiminas	9.342	8.040	26	6	21	50	103
Cosipa	7.164	5.492	18	4	14	38	74
Papel e Celulose							
Klabin	4.132	8.103	26	6	21	22	75
Aracruz	7.906	1.442	5	1	4	42	52
VCP	4.621	2.971	10	2	8	25	44
Petroquímica							
Baskrem	14.058	2.800	9	2	7	75	94
Copesul	3.145	920	3	1	2	17	23
União	1.335	559	2	0	1	7	11
Energia Elétrica							
Itaipu	56.794	3.461	11	3	9	304	326
Cemig	16.534	11.468	37	9	30	88	164
Furnas	17.583	9.440	30	7	24	94	156
Telecomunicações							
TMAR	24.582	13.976	45	11	36	131	223
Telefônica SP	20.038	7.134	23	5	18	107	154
Brasil Telecom	14.997	5.260	17	4	14	80	115
Construção							
Odebrecht	4.207	20.179	65	15	52	22	155
Camargo Correa	2.000	11.494	37	9	30	11	86
Queiroz Galvão	1.110	7.453	24	6	19	6	55
Aviação							
Varig	2.442	17.811	57	13	46	13	130
TAM	2.763	7.623	24	6	20	15	65
Gol	545	3.503	11	3	9	3	26

VI) Conclusões

Em função dos diversos aspectos comentados, os seguintes pontos podem ser destacados:

- Nos últimos anos, a economia brasileira deu sinais de progresso, como uma melhora na contas públicas e externas, além de queda nas taxas inflacionárias. Estes fatores beneficiaram o país e também, de formas direta e indireta, o setor de seguros.
- Na área de seguros, houve também crescimento, localizado porém sobretudo no segmento de pessoas. Para o futuro, pode-se continuar a ser otimista, pois as perspectivas são boas. Também em resseguro, o cenário é favorável, com a possibilidade de entrada de companhias estrangeiras, na medida que a legislação permitir. Ressalte-se, porém, que o Brasil já está atingindo números de prêmio per capita similares a outros países da América Latina (com exceção do Chile). Ou seja, sem o crescimento do país, as margens ficam mais estreitas.
- Em termos individuais, as corretoras de seguros (sobretudo as de grande porte, que operam com grandes riscos) tiveram evolução favorável. Esta análise, porém, ficou um pouco prejudicada, pela ausência de mais dados públicos. Nos outros

tipos de companhia (de menor porte, que operam sobretudo com o ramo automóvel), os ganhos foram mais modestos, havendo inclusive algumas perdas registradas.

- Do lado do consumidor segurado, este estudo também teve como objetivo desenvolver uma estimativa do consumo médio de seguro de cada companhia, diante das condições atuais e dos dados públicos do setor. Esta metodologia permitiu oferecer uma idéia inicial dos valores, a serem usados pelas seguradoras em cada estratégia. Naturalmente, isto não invalida o desafio de avaliar o consumo médio ideal de cada companhia mas, neste caso, uma análise individualizada seria necessária.